

"Acaba que", "começa que" e "acontece que" como marcadores discursivos e suas funções textual-interativas

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v53i1.3603>

Susie Midori dos Santos Sato Santana¹
Sebastião Carlos Leite Gonçalves²

Resumo

Neste artigo, investigamos as construções "começa que", "acontece que" e "acaba que", assumindo por hipótese que tais construções não comportam estatuto de oração matriz com função argumental. Amparados pelo quadro teórico-metodológico da Gramática Textual-interativa (GTI) (Jubran, 2015a), nosso objetivo é argumentar a favor do reconhecimento da função dessas construções como marcador discursivo (MD) de *abertura*, de *continuidade* ou de *fechamento de Tópico Discursivo*. Diante desse objetivo, nos apropriamos das noções de *Tópico Discursivo*, de *Segmento Tópico* e das propriedades de MD da GTI para colocar em exame dados do português brasileiro falado (Gonçalves, 2007). Os resultados das análises nos permitem comprovar nossa hipótese e concluir que as funções discursivas das construções decorrem de um processo de abstratização do significado dos predicados de base.

Palavras-chave: Gramática Textual-Interativa; Subordinação; Marcadores Discursivos.

1 Universidade Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; susiesatsantana@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-3663-5713>

2 Universidade Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; sebastiao.goncalves@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0002-1798-729X>

"Acaba que", "começa que" e "acontece que" as discourse markers and their textual-interactive functions

Abstract

In this paper, we analyze the constructions "começa que", "acontece que" and "acaba que", assuming by hypothesis that such constructions do not have the status of matrix clause with an argument function. Supported by Interactive Textual Grammar (ITG) framework (Jubran, 2015a), our objective is to argue in favor of recognizing the function of discourse marker (DM) of *opening, continuing or closing a Discursive Topic*. To this end, we use the notions of *Discursive Topic*, of *Topical Segment* and the properties of DM of the ITG to examine data from Brazilian Spoken Portuguese. The results of the analyses allow us to support our hypotheses and conclude that the discursive functions of the constructions arise from a process of abstraction of the meaning of the base predicates.

Keywords: Textual-interactive grammar; Subordination; Discourse markers.

Introdução

Na descrição linguística, as construções "acaba que", "começa que" e "acontece que" são comumente classificadas, em contextos de subordinação, como oração matriz, com significado incidente sobre o conteúdo de subordinada finita tomada como complemento. É o que descrevem Gonçalves *et al.* (2016) e Bastos *et al.* (2007), em usos dessas construções, como os exemplificados em (1) e (2).

1. Eu recebi meu ordenado e entreguei, tá... agora nesse mês, como a UPC não aumentou e como diminuiu o número de UPCs, o que **vai acontecer** é que, eu vou pagar um pouquinho menos no outro mês [...], porque diminuiu as UPCs [D2 RJ 355] (Gonçalves *et al.*, 2016, p. 83).
2. João está sempre distraído durante as aulas. **Acaba que** seu desempenho é péssimo (Bastos *et al.*, 2007, p. 210).

Pelas descrições vagas de funções textuais e pelos exemplos oferecidos por esses autores, já é possível hipotetizar que "acaba que", "começa que" e "acontece que" secundarizam seu funcionamento como oração matriz, porque, seus respectivos traços semânticos de finalização, início e curso de evento se transferem, metafórica e metonimicamente (Hopper; Traugott, 2003), da dimensão das relações sintático-semânticas, apreendidas no contexto morfossintático mais restrito, para a dimensão da organização textual-interativa mais ampla, função típica de Marcadores Discursivos (MD, daqui em diante), como defende a Gramática Textual-interativa (Jubran, 2015). Em (1) e (2), parece-nos claro que as construções em destaque só podem ter suas funções

definidas na consideração dos enunciados que as antecedem e que as sucedem, um claro funcionamento na dimensão do texto, ainda que os contextos ali exemplificados sejam um tanto restritos. De qualquer forma, metodologicamente, a comprovação da função de MD requer análises que considerem o Tópico Discursivo (Jubran, 2015a) como unidade de análise mais adequada, já que, como conclui Guerra (2007), a simples constituição formal de MD é de pouca relevância, importando mais identificar as funções que as expressões da classe exercem na dimensão tanto textual como interacional. É corroborando essa posição que defendemos que as funções das construções em análise não podem se guiar por aspecto essencialmente estrutural.

A par dessas observações, temos por objetivo, neste artigo, descrever e analisar as funções das construções “acaba que”, “começa que” e “acontece que”, motivados pela hipótese de que elas não constituem simples casos de subordinação, mas de MD com função predominantemente textual. Para tanto, nossas análises textuais tomam por base empírica ocorrências reais de interação verbal dialogada.

As duas próximas seções deste artigo são dedicadas à fundamentação teórica e aos procedimentos metodológicos e as duas últimas, a análises dos resultados e às principais conclusões do trabalho; por último, seguem as referências bibliográficas.

A Gramática Textual-Interativa e a noção de Marcador Discursivo (MD)

O Marcador Discursivo (MD) é objeto de análise de diversas áreas dos estudos linguísticos de orientação funcionalista. Se, por um lado, a diversidade teórica é positiva, por outro, dificulta um tratamento mais sistematizado dessa “classe”. Dentre essas perspectivas de análise, Penhavel (2012) arrola três: a primeira concebe MD como expressões afixadas a um enunciado matriz com função de conexão (cf. Fraser, 2006; Blakemore, 2002); a segunda, como expressões de gerenciamento da conversação (cf. Fischer, 2006; Schifffrin, 2001); e a última, como expressões gradientes tanto do primeiro quanto do segundo tipo, sujeitas a grau de prototipia (cf. Risso; Oliveira e Silva; Urbano, 2006).

Nosso trabalho se propõe a analisar os MD, assumindo a mesma perspectiva de Risso, Silva e Urbano (2006), desenvolvida no âmbito da Linguística Textual, mais, em particular, sob a perspectiva da chamada Gramática Textual-Interativa (Jubran, 2015) (GTI, daqui em diante), considerada vertente da Linguística Textual. Assumimos a GTI, porque seu modelo de descrição oferece tratamento sistematizado dos MD, para identificação dos processos de construção do texto (Penhavel, 2012).

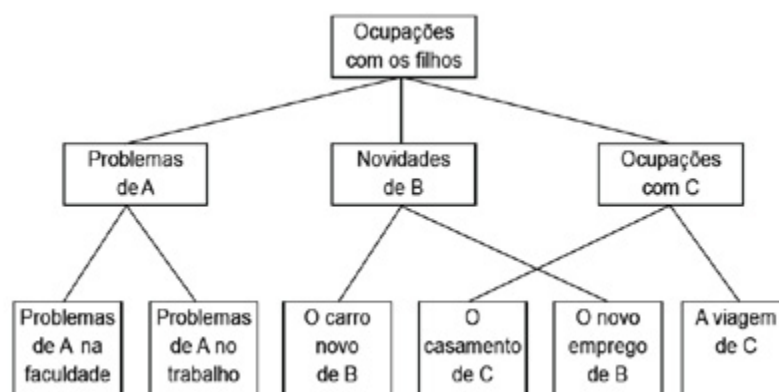
A GTI é um modelo teórico-metodológico, de inspiração brasileira, o qual, voltado para a análise textual, assume o texto como objeto de estudo e foca, principalmente, nos chamados processos de construção textual. Em Jubran (2015a), esclarecem-se as bases

da GTI, como teoria que se apoia em princípios da Pragmática, da Análise da Conversação e da Linguística Textual e entende a linguagem como atividade verbal praticada entre interlocutores por meio de textos. Nessa base, o foco da GTI é a interação social, cujas funções só se definem em situações concretas de interlocução, coenvolvendo as circunstâncias enunciativas. Fatores interacionais não são apenas vias de trânsito de fenômenos linguístico-textuais, mas são constitutivos do texto e ligados diretamente à expressão linguística (Jubran, 2015a). Dentre os processos de construção textual estudados sob o quadro da GTI estão a *organização tópica*, considerada o fio condutor da interação, a *referenciação*, o *parafraseamento*, a *parentetização*, a *repetição*, a *correção* e a *tematização-rematização*, incluindo ainda o estudo das expressões que gerenciam esses processos, os chamados MD.

Na identificação de unidades textuais operacionalizáveis com certa segurança e objetividade, a GTI elege como categoria analítica fundamental o *Tópico Discursivo* (TD, daqui em diante), entendido, de forma geral, como algo “acerca de” que se fala (Jubran, 2015b). Associada a essa primeira categoria, a de *Segmento Tópico* (SegT, daqui em diante) caracteriza grupos de enunciados que expandem um TD. Agrupamentos menores de enunciados no interior do SegT e que expandem tópicos mais específicos da hierarquização tópica identificam *Segmentos Tópicos mínimos* (SegT mínimos, daqui em diante) (Penhavel, 2020). Como se observa em Jubran (2015b), a noção de TD é complexa e abstrata, porque cada uma dessas unidades pode, em seu nível próprio de identificação, constituir um tópico discursivo *per se*.

Neste artigo, as análises que empreendemos se centram sempre no interior de SegT, que exemplificamos, recorrendo à figura 1, de Penhavel (2011), que esquematiza, numa situação hipotética, as relações de Organização Tópica.

Figura 1. Exemplo hipotético de relações de organização tópica



Fonte: Penhavel (2011, p. 66)

Neste exemplo hipotético da figura 1, trechos do texto correspondentes a cada um dos subtópicos representados nas caixas intermediárias constituem SegT, e os representados no nível mais baixo, SegT mínimos; juntos compõem o quadro tópico representado na caixa de nível mais alto. Por meio dos conceitos de *Centração* e de *Organicidade Tópica* (Jubran, 2015b), é possível identificar, no plano hierárquico superior aos SegT mínimos, unidades e subunidades de Organização Tópica que implementam a análise de fenômenos envolvendo as relações de sentidos e os usos de MD, foco deste trabalho. Por exemplo, ainda com base na Figura 1, seria possível a ocorrência de MD introduzindo o tópico “A viagem de C”, “O novo emprego de B” etc. Nota-se, assim, que, no arranjo dos SegT, há parâmetros estabelecidos para a análise de MD e de outros processos da construção textual.

Por serem recursos linguísticos ligados à organização textual-interativa, os MD recebem tratamento especial na GTI, por revelarem funções de gerenciamento dos processos de construção textual. Assim, MD prototípicos são definidos como expressões que manifestam os traços linguísticos evidenciados na matriz dada em (3), sintetizada por Garcia e Gonçalves (2021) com base em Risso *et al.* (2006), e os não prototípicos são definidos como expressões que manifestam o mesmo conjunto de traços, porém com desvios, normalmente, de até dois dos traços definidos na matriz.

3. Matriz de traços de MD prototípicos (Risso *et al.*, 2006, p. 414-415, com adaptações)
 - alta recorrência (variável 1);
 - articulação tópica + orientação interacional fraca ou média; ou não articulação tópica + orientação interacional forte (variáveis 2 e 3);
 - exterioridade ao conteúdo proposicional (variável 4);
 - transparência semântica parcial (variável 5);
 - independência sintática (variável 7);
 - demarcação prosódica (variável 8);
 - não autonomia comunicativa (variável 9);
 - massa fônica reduzida (variável 10).

Risso *et al.* (2006) explicam que a classe dos MD é difusa, porque abriga desde sons não lexicalizados até sintagmas desenvolvidos. Assim, para sancionar o estatuto de MD, os autores se valem de um conjunto de variáveis, cada uma com traços definidores, como segue especificado em (4), a partir da matriz de traços dada em (3).

4. Variáveis definidoras do estatuto de MD (Risso *et al.*, 2006, p. 406-414)
 - Variável 1. Padrão de recorrência
Traços: 1) baixa frequência; 2) média frequência; 3) alta frequência.

- Variável 2. Articulação de segmentos do discurso
Traços: 1) sequenciador tópico; 2) sequenciador frasal; 0) não sequenciador.
- Variável 3. Orientação da interação
Traços: 1) secundariamente orientador; 2) basicamente orientador; 3) fragilmente orientador.
- Variável 4. Relação com o conteúdo proposicional
Traços: 1) exterior ao conteúdo; 0) não exterior ao conteúdo; 2) não se aplica.
- Variável 5. Transparência semântica
Traços: 2) total; 1) parcial; 0) opaco; 3) não se aplica.
- Variável 6. Apresentação formal
Traços: 1) forma única; 2) forma variante.
- Variável 7. Relação sintática com a estrutura oracional
Traços: 1) sintaticamente independente; 0) sintaticamente dependente.
- Variável 8: Demarcação prosódica
Traços: 1) com pauta demarcativa; 0) sem pauta demarcativa.
- Variável 9: Autonomia comunicativa
Traços: 1) comunicativamente autônomo; 0) comunicativamente não autônomo.
- Variável 10: Massa fônica
Traços: 1) até três sílabas tônicas; 2) além de três sílabas tônicas.

A partir de (3) e (4), é importante ressaltar que, para a GTI, desvios em relação à matriz prototípica não excluem um dado MD da classe, mas o tornam um MD não prototípico. Além disso, dois grupos de MD são reconhecidos na GTI: os *basicamente sequenciadores e secundariamente interacionais* e os *basicamente interacionais e secundariamente sequenciadores*. Enquanto os primeiros incluem MD que operam predominantemente na articulação textual, os segundos incluem os que marcam relações entre os interlocutores e entre o enunciador e seu enunciado (Risso *et al.*, 2006).

As construções “acaba que”, “começa que” e “acontece que” na descrição linguística

No arcabouço teórico linguístico, as construções “acaba que”, “começa que” e “acontece que” costumam ser classificadas como orações matrizes de subordinadas. Gonçalves *et al.* (2016, p. 69) empregam o termo *subordinação* para identificar o contexto morfosintático em que uma sentença/predicação sustenta uma relação argumental do tipo argumento-predicado, “que expande a noção de encaixamento sintático para incluir os casos de sentenças que ocorrem como constituinte argumental e também como

constituente predicacional". Com base nessa definição, os autores consideram "começa que" e "acontece que" como orações matrizes impessoais que encaixam, em posição argumental de sujeito, uma subordinada finita, e classificam, semanticamente, tais predicados como *de acontecimento*, por eles indicarem a "ocorrência do estado de coisas expresso na sentença encaixada" (Gonçalves *et al.*, 2016, p. 83). Além dessa função, os autores ainda apontam, nos casos de "começa que" e "acontece que", um esvaziamento semântico dos predicados em favor de um uso argumentativo. Em (5) e (6), são exemplos dados por eles:

5. Mas está dizendo o seguinte... que não vão pagar vão pagar vinte por cento [...] quem exigir os quarenta por cento que eles pagam e mandam embora... **acontece que** é uma Universidade que apoiou um curso universitário que foi apoiado nos nossos nomes e que agora foi reconhecida e que agora já não precisa mais... então é muito mais fácil mandar esses professores que ganham determinado [...] um salário aula que não é preciso mandar embora e botar um monte de adjuntos... esses adjuntos vão ganhar metade mas também são pessoas que não têm a menor formação... [D2 RJ 355] (Gonçalves *et al.*, 2016, p. 84).
6. L1 – os rapazes be::rram e berram porque to/... na sua maioria são pais de família então be::rram e vo::tam e fa::lam e acontecem... e::as mulheres são voto assim meio neutro elas::s/ são meio ausentes na hora de::lutar pelos vencimentos
L2 – **começa que** quase nem comparecem [D2 SP 360] (Gonçalves *et al.*, 2016, p. 84).

Na análise dos autores, enquanto, em (5), "acontece que" funciona de modo semelhante ao de um operador argumentativo adversativo, em (6), "começa que" opera relação de conjunção de argumentos, a exemplo de operadores com mesma função.

Para Bastos *et al.* (2007), em (7), o predicado da construção "acaba/acabou que" é do tipo que requer complemento oracional e indica que, de uma série de argumentos, a oração matriz introduz aquele que finaliza a argumentação.

7. João está sempre distraído durante as aulas. *Acaba que* seu desempenho é péssimo (Bastos *et al.*, 2007, p. 210)

As pesquisas que claramente reconhecem que essas construções exercem função textual são escassas. O que se observa é que, embora os autores aqui citados reconheçam vagamente uma função textual para esses predicados matrizes, não chegam a caracterizar exatamente como eles, de fato, atuam na organização textual, possivelmente porque atrelam essa função mais à estrutura argumental do predicado na relação de subordinação do que à função textual que eles assumem na estruturação do texto. Por isso, a nossa contribuição é argumentar que os usos dessas construções não representam exatamente casos de subordinação, por colocar em questão a própria

definição de subordinação, como a oferecida por Gonçalves *et al.* (2016), na qual os autores destacam a relação argumental entre um predicado e um argumento oracional.

A ideia aqui defendida é a de que, se, em tais construções matrizes, o que se destaca é uma função argumentativa, como retratam as análises dos autores aqui referenciados, então a relação argumental entre matriz e subordinada não se verifica, uma vez que o predicado matriz se discursiviza a tal ponto de perder suas propriedades argumentais e de atuar como predicado pleno que requer complemento oracional que especifique seu sentido. Assim, é possível hipotetizar, com base em princípios da gramaticalização (cf. Hooper; Traugott, 2003), que apenas traços semânticos dos predicados plenos persistem nas construções, as quais passam a atuar, na organização textual, como MD com função sequenciadora: nos casos de “começar” e “acabar”, os respectivos traços semânticos de marcar início e final de evento (como em *a reunião começou / a reunião acabou*) projetam, na sequenciação do texto, o início e a finalização do TD; no caso de “acontecer”, o traço de “tornar realidade um evento” (*aconteceu um acidente*) serve ao sequenciamento de SegT na organização do TD. É o que pretendemos demonstrar, nas seções seguintes, com nosso percurso de análise.

Procedimentos de análise

Neste trabalho, os dados provêm de amostras de fala integrantes de dois bancos de dados: a primeira delas, representativa do século XXI, é a Amostra Censo (AC) do Banco de Dados Iboruna do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), composta de 151 entrevistas coletadas no interior paulista, dirigidas para a elicitación dos seguintes textos: (i) narrativa de experiência (NE); (ii) narrativa recontada (NR); (iii) relato de descrição (DE); (iv) relato de procedimento (RP); e (v) relato de opinião (RO), todos predominantemente monológicos, em que há apenas um falante e, quase sempre, também um único documentador³. Buscamos, em AC, usos de “começa que”, “acontece que” e “acaba que”, coletando, no total, 10 ocorrências das 151 entrevistas. A segunda amostra, representativa do século XX, advém do *corpus* mínimo compartilhado do Projeto NURC (Norma Urbana Linguística Culta)⁴, composto de 15 inquéritos gravados em cinco capitais do Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Porto Alegre), observando-se três tipos de estilo: (i) Elocuções Formais (EF); (ii) Diálogo entre Informante e Documentador (DID); e (iii) Diálogo entre dois informantes (D2). Dessa fonte, encontramos, no total, quatro ocorrências apenas de “começa que” e “acontece que”.

3 Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br>. Acesso em set.2022.

4 Disponível em: <http://www3.iel.unicamp.br/cedae/>. Acesso em nov.2022. O *corpus* mínimo compõe-se dos seguintes inquéritos: D2-REC-05; D2-SSA-98, D2-RJ-355, D2-SP-360, D2-POA-291, DID-REC-131, DID-SSA-231, DID-RJ-328, DID-SP-234, DID-POA-45; EF-REC-337, EF-SSA-49, EF-RJ-379, EF-SP-405 e EF-POA-278.

Como se constata, as construções em exame, apesar de pouco produtivas, na fala, requerem uma análise qualitativa que explore as funções textuais que elas podem expressar, importando, pouco, nesse caso, a frequência com que elas ocorrem. Como mencionamos, o SegT é a unidade de análise deste trabalho e, por isso, as ocorrências são analisadas à luz dos conceitos de *TD* e de *SegT*, como exige a GTI. Seguimos, além disso, a metodologia proposta por Penhavel (2010) e Garcia e Gonçalves (2021), no que se refere à identificação dos traços da centração tópica no interior dos SegT mínimos. Como mostramos em (8), delimitamos o TD e seus SegT, a fim de verificar em qual parte do TD as construções estudadas neste trabalho ocorrem.⁵

8. TD: “O quarto da informante”

Inf.: é tipo eu vô::(u) alá(r) sobre o meu quarto... bom meu quarto é peque::no... é::... quadradinho	1
assim bem quadradinho [Doc.: uhum ((concordando))] ma::s é super pequeno...	2
e é e::... lá sa/ assim eu e minha irmã a gente divide o quarto eu/ minha irmã::... gêmea... a gente	3
divide o quarto...	4
e:: aí fica uma cama do lado da o(u)tra... uma:: uma pratele(i)rinha assim cheia de:: u/ um monte	5
de treco e poe(i)ra ((risos)) no ¹ [meio] ¹ [Doc.: normal] (que lá no Cristo Reis)... nossa senhora	6
tem muito pó e aí peg/ ah aí a gente dorme assim do la::do aí tem um guarda-ro(u)pa aqui	7
((gesticulando)) a por/ guarda-ro(u)pa aqui não ((risos)) o guarda-ro(u)pa na frente das ca::mas...	8
e a porta... meio de lado assim ((gesticulando)) [Doc.: uhum ((concordando))] a janela em cima	9
da pratele(i)rinha...	10
e aí aconteceu que ... a are::ia que fize::ram o rebo::que da minha ca::sa... é::... num sei que	11
aconteceu mas ela devia tê(r) bi::cho... então deu mofo na parede né? [AC-054; DE: L. 174-185]	12

O TD em (8) é parte de um relato de descrição e, no ponto do texto de onde o extraímos, a informante descreve seu quarto, tópico assim nomeado, com base na propriedade da centração tópica. Além da concernência geral que integra todos os quatro SegT a um único TD, também é possível verificar uma concernência mais específica em cada um dos grupos de enunciados distinguidos: nas linhas 1-3, o tamanho do quarto; nas linhas 4-5, o compartilhamento do quarto com irmã gêmea; nas linhas 6-11, a descrição dos itens do aposento; e, finalmente, nas linhas 12-13, o problema do

5 As ocorrências exemplificativas trazem, ao final, a indicação da fonte de onde elas foram extraídas: “AC-Número” identifica a entrevista da Amostra Censo; as duas letras seguintes, no caso DE(scrição), o tipo de texto, ao qual se segue a indicação das linhas que delimitam a ocorrência na entrevista transcrita.

reboque das paredes. Esses pontos distintos de concernência são determinantes para diferenciar as partes do próprio SegT, aqui referidas como “unidades intratópicas”, e, conseqüentemente, o ponto, no interior do SegT, onde o MD ocorre.

Para Penhavel (2020), os traços de relevância e pontualização, juntamente com a concernência, caracterizadores da centração tópica, contribuem para a identificação de partes do SegT. Dessa maneira, a relevância permite a averiguação de possíveis (sub) grupos de enunciados dentro do SegT, o que pode revelar (sub)grupos mais e menos importantes (centrais e subsidiários) em relação ao foco do desenvolvimento do tópico. Apesar de importantes, relevância e pontualização não serão focalizadas nas análises, porque a concernência, por si, é suficiente para esclarecer o método utilizado.

Os Marcadores Discursivos “acaba que”, “começa que” e “acontece que”

A partir da especificação da função de “sequenciamento tópico” proposta por Guerra (2007) e reafirmada por Garcia e Gonçalves (2021), que compreendem que os MD podem introduzir, sequenciar ou finalizar um TD e ser analisados como subtipo da função mais geral de sequenciador, assumimos, que “acaba que”, “começa que” e “acontece que” instanciam a *macrofunção de sequenciador tópico*, que é especificada por três funções: a de *fechamento*, a de *continuidade* e a de *abertura de tópico*. Embora frequência de uso não esteja em questão, na Tabela 1, ilustramos como se distribuem essas funções, categoricamente relacionadas com cada tipo de MD.

Tabela 1. Distribuição das funções textual-interativas dos MD em análise

Funções dos MD	Frequência
Continuidade de tópico (acontece/aconteceu que)	10/15
Continuidade de tópico (começa que)	3/15
Fechamento de tópico (acaba/acabou que)	2/15

Fonte: Elaboração própria

As funções identificadas na tabela acima para os respectivos MD confirmam a hipótese de que a associação entre forma e função é motivada pelos traços semânticos dos verbos plenos de que os MD possivelmente se originam. A fim de trazer evidências para essa hipótese, analisamos nesta seção um caso prototípico de cada uma desses MD, em razão de a comprovação só poder ser aferida se tomado, como recomenda a GTI, o TD como unidade de análise, o que requer contextos amplos de análise, impedindo, assim, por razões de espaço, análises de mais ocorrências de cada tipo de construção. Iniciemos, então, nossa análise, a partir do MD “acontece que”, dado em (9).

9. TD: “A importância de métodos de pesquisa”

Doc.: professora e.: QUAL que é a importância que a senhora a::cha nesse tipo de pesquisa assim	1
que que a senhora pensa desse tipo de pesquisa que a senhora realizô(u)... assim éh::... uma	2
pesquisa assim tão AMpla e tão interessante qual que é a importância disso pra senhora?	3
<u>Unidade intratópica 1: Método de pesquisa baseado em testemunho único</u>	
Inf.: bem... a importância dela apesar que possa tê::(r)... as suas fa::lhas pos/ possa sofrê(r)... uma	4
série de críticas num é? porque testemunho Único testemunho NUlo...	5
<u>Unidade intratópica 2: “Método baseado em grande número de informantes”</u>	
mas acontece que se você... cê conSEgue... levantá(r)... um GRANde número de infor/ de	6
inforMANtes... e as informações que eles DÃO... éh:: podem compleTÁ(R) uma vai completando	7
a o(u)tra ou vai explicando mais o que o outro... de(i)xô(u) um tanto... em dúvida... ou mostrando... [AC-146; RO: L 363-372]	8

Em (9), a pergunta da documentadora (Doc.), (linhas 1-4), instaura, no turno da informante, o TD “A importância de métodos de pesquisa”. No desenvolvimento do TD, a informante contrasta “Método baseado em testemunho único” (linhas 5-6) a “Método baseado em grande número de informantes” (linhas 7-10). No sequenciamento tópico, o MD “acontece que”, antecedido de “mas” (linha 7), marca, na concepção da informante, a nulidade do primeiro método em relação ao segundo, típico caso de relação de contrajunção. Em 5/15 casos dos *corpora*, o operador argumentativo “mas” coocorre adjacente ao MD “acontece que”, o que poderia levar a supor que o valor de contraste só é favorecido pela presença desse operador; ao contrário disso, é possível argumentar em favor da hipótese de que o valor argumentativo do MD, na sequenciação dos SegT, é metonimicamente gerado no contexto de sua ocorrência, uma vez que esse mesmo valor é apreendido em contexto em que o “mas” está ausente, como em (5). Contextos de transferência metonímica de significado entre construções adjacentes, como é o caso aqui analisado, representam a sedimentação de nova função de uma construção, como recorrentemente se verifica em processos de mudança semântica identificados com a *Gramaticalização*, processo por meio do qual uma construção de sentido pleno se abstratiza em favor do desenvolvimento de uma função gramatical ou discursiva de natureza mais abstrata (Hopper; Traugott, 2003; Bybee, 2010). Também na análise tópica da ocorrência em (8), o MD “aconteceu que” providencia a continuidade do TD, sem o intermédio do operador argumentativo “mas”. No entanto, a flexão do verbo em tempo de passado não delimita com clareza

a função de contraste, como em (5) e em (9), mas apenas a de sequenciamento tópico, caso de MD que Risso *et al.* (2006) considerariam como unidade limítrofe.⁶

Passemos, em (10), à análise do caso prototípico de MD de “começa que”⁷ no sequenciamento do TD identificado como “A aversão à presença de mulheres na carreira de procurador”.

10. **TD:** “A aversão à presença de mulheres na carreira de procurador”.

<u>Unidade intratópica 1: “Aversão à presença de mulheres na carreira de procuradora”</u>	
L1 há uma certa:: u/ uma certa aversão...à:: à entrada de minha/... mulher na carreira de	1
procuradora do Estado...porque::...as mulheres se acomodam com o salário baixo que se percebe	2
L2 certo	3
<u>Unidade intratópica 2: “A neutralidade de procuradoras nas assembleias da classe”</u>	
L1 então...na::nas assembléias::que são convocadas...o::...	4
L2 ()	5
L1 os rapazes be::rram e berram porque to/...na sua maioria são pais de família	6
então be::rram e vo::tam e fa::lam e acontecem...e::as mulheres são voto assim meio neutro	7
elas::s/ são meio ausentes na hora de::lutar pelos vencimentos	8
<u>Unidade intratópica 3: “A ausência das mulheres procuradoras às assembleias da classe”</u>	
L2 começa que quase nem comparecem	9
L1 é	10
L2 né?	11
<u>Unidade intratópica 4: “A ausência de procuradoras na luta por melhores vencimentos”</u>	
L1 então na hora de lutar pelos vencimentos elas...são	12

6 Com o mesmo funcionamento de MD operando relação de contrajunção, encontramos em nossos *corpora* uma única ocorrência de “sucede que”, que deixamos ao leitor para a verificação do valor contrastivo entre os SegT delimitados: “[houve uma tentativa de [...] evitar que carros [...] com cargas muito pesadas... trafeguem... [...] acima do peso para o que ela [a estrada] foi construída...] então *sucede que* [...] cê vê que as estradas brasileiras estão sendo muito solicitadas... a tal ponto que não poderão resistir **TECnicamente**” [NURC-D2-SSA-98]

7 Notamos, na análise das ocorrências do MD “começa que”, maior tendência de ele cristalizar marcas de terceira pessoa e de presente do indicativo e de ser empregado em textos argumentativos. Dos três casos analisados, apenas um manifesta tempo de pretérito perfeito e ocorre em texto narrativo.

[13
L2 (é)	14
L1 quase que ausentes porque para elas é muito bom...nao é? para elas aquele... eh::ordenado é	15
ótimo...MAS PArá um homem não é	16
<u>Unidade intratópica 5: "A pressão de procuradores para impedir ingresso de mulheres na carreira"</u>	
então quer dizer que há uma certa...ah pressao no sen/ ah da parte dos homens no sentido de	17
nao deixar as procuradoras...ah::	18
[19
L2 certo	20
L1 entrarem na carreira...o/ nao é certo mas enfim...elas ah::	21
[22
<u>Unidade intratópica 6: "aversão à mulher na procuradoria como parte da natureza humana"</u>	
L2 (eu acho que a coisa) é humana ((risos)) né? [SP-360; D2]	23

Em (10), o TD é desenvolvido cooperativamente no diálogo entre duas informantes (L1 e L2) e é delimitado por L1, na unidade intratópica 1, como a "aversão à presença de mulheres na carreira de procuradora", justificada pelo comodismo delas com o salário baixo da carreira. O TD é estruturado em cinco unidades intratópicas (2 a 6), que demarcam, na construção colaborativa do texto argumentativo, os argumentos de L1 e de L2 (unidades intratópicas de 2 a 5), sustentando o ponto de vista de L1 e a conclusão de L2 (unidade intratópica 6), em relação aos argumentos expostos. Os argumentos desenvolvidos materializam, então, a organização do TD do seguinte modo: (i) "a neutralidade das mulheres procuradoras nas assembleias da classe" (linhas 4-8); (ii) "o não comparecimento das mulheres procuradoras às assembleias da classe" (linhas 9-11); (iii) "a ausência de mulheres procuradoras na luta por melhores vencimentos para a classe" (linhas 12-16), considerados bons por elas, mas não para os homens procuradores; (iv) "a pressão de procuradores para impedir ingresso de mulheres na carreira" (linhas 17-22). A unidade intratópica 6 (linha 23) "aversão à mulher na carreira de procuradora como parte da natureza humana", como conclusão de L2, encerra o TD. No sequenciamento das unidades intratópicas, o MD "começa que" (linha 9) tem a função de introduzir um argumento de L2 (linhas 10-11: "elas quase nem comparecem [às assembleias]"), por ela considerado anterior ao próprio argumento de L1 (linhas 8-9: "as mulheres são voto meio neutro nas assembleias"). O recurso a MD outros de busca de aprovação discursiva ("certo", "é", "né?") estabelece a coesão textual dialógica no desenvolvimento do TD, tornando possível considerar que L1 assume como seus os argumentos de L2, ao assinalar, de forma quase sub-reptícia, por meio do MD "começa que", que seu argumento precede, na

linha argumentativa, o de sua interlocutora dentro de uma escala argumentativa (Ducrot, 1987) que marca o argumento mais forte em direção à conclusão a que os argumentos se encaminham. É nessa linha de análise que “começa que” assume, no texto, a função abstrata de continuidade de tópico ou a de (re)arranjar, numa escala argumentativa, os argumentos de uma série de efetiva.

Com base em (11), analisemos, por fim, o MD “acabou que”.

11. TD: “o início da vida amorosa da mãe e o fim de um relacionamento dela”

<u>Unidade intratópica 1: “O namoro da mãe à distância”</u>	
a minha mãe morava em São Paulo e ela namorava [...] um: um rapaz daqui de Rio Preto... [...]	1
que ele chama C. né? [...] então eles namoravam só que assim mais por carta por telefone [...]	2
<u>Unidade intratópica 2: “A aproximação do casal e o pouco interesse da mãe no namoro”</u>	
até que ele começô(u) a fazê(r) escolinha em São Paulo da polícia... [...] então assim o contato foi	3
ficar(d)o um po(u)co maior [...] aí que aconteceu?... ele ia pra lá e ele nossa era muito apaixonado	4
por ela só que ela... assim já num num era tanto [...]	5
<u>Unidade intratópica 3: “Os flertes da mãe com um novo rapaz já comprometido”</u>	
teve um dia que ela foi numa lanchonete...[...] e assim por um acaso ela viu ela viu um rapaz...	6
agachado [...] comprar(d)o doce... pr”uma menininha... ela achô(u) muito bonito a atitude dele e	7
tal... [...]... aí a partí(r) daí... ela começô(u) não a paquerá(r) ele mas a observá-lo mais... [...] mas	8
até então ele era noivo e ela tinha namorado ... então né?... [...] ela começô(u) a vê(r) que ele	9
tam(b)ém a paquerava um po(u)co... aí isso foi crescendo [...] então sempre que ela saía ela via...	10
rolava aqueles ola/ olhares [...]	11
<u>Unidade intratópica 4: “A mudança do namorado para a mesma cidade da mãe”</u>	
Aí até que o namorado dela o que mora aqui em Rio Preto foi pra lá... pra São Paulo... pra	12
fazê(r) a escolinha e ficô(u) lá definitivo...	13
<u>Unidade intratópica 5: “Os encontros do namorado com um amigo na lanchonete”</u>	
e todo dia ele falava pra minha mãe – “ôh eu vô:(u) eu vô(u) saí(r) com meu amigo eu vô(u) lá na	14

lanchonete tomá(r) um refrigerante saí(r) com meu amigo” – não a minha mãe – “nossa mas que	15
amigo é esse... que todo dia você sai com e::le... deve sê(r) rolinho... alguma coisa... você tá me	16
enrolan(d)o”	17
<u>Unidade intratópica 6: “A constatação da mãe sobre a amizade entre o namorado e seu paquera”</u>	
[...] a vó... minha avó deu o dinhe(i)ro pra ela comprá(r) farinha... quando ela chegô(u) na	18
lanchonete ela viu que esse tal amigo... E::ra o moço que ela paquerava... [...] aí ele pegô(u) e	19
apresentô(u) pra minha mãe... falô(u) – “olha esse aqui é o N. meu cole::ga de/... ele também é	20
polí::cia” – e tal e ele falô(u) com a minha mãe... aí tudo bem ...	21
<u>Unidade intratópica 7: “O retorno do namoro à distância com a volta do namorado a sua cidade”</u>	
... aí o C.... largô(u) a polícia e voltô(u) pra Rio Preto... e continuô(u) namoran(d)o só que só mais	22
por carta...	23
<u>Unidade intratópica 8: “A intensificação da paquera com o rapaz”</u>	
aí ela começô(u) a paquerá(r) mais meu pai e meu pai a paquerá(r) mais ela...	24
<u>Unidade intratópica 9: “A decisão da mãe de romper o namoro”</u>	
até que chegô(u) um (dia) que num ia dá(r) mais pra mantê(r) que minha mãe já não gostava mais	25
do C.... pegô(u) e largô(u) dele... falô(u) que não queria ma::is que não dava mais cer::to e tal...	26
<u>Unidade intratópica 10: “A aceitação do então namorado da mãe acerca do fim do namoro”</u>	
aí... ele pegô(u) e tá bom foi meio difícil pra ele aceitá(r) porque ele gostava muito dela... mas	27
acabô(u) que ele acabou(u) aceitando como... quando quando no caso o meu pai né? [AC-046; NR: L 191-199]	28

O SegT em (11) é extraído da narrativa recontada pela informante sobre como seus pais se conheceram, e a contração tópica gira em torno do “início da vida amorosa da mãe e o fim de um relacionamento dela”, antes de vir a se casar com o pai da informante. Dez unidades intratópicas estruturam o TD, com contrações em fases específicas do namoro da mãe; na última, o desfecho da narrativa (“A aceitação do então namorado da mãe acerca do fim de seu namoro”) é marcado por recurso ao MD “acabou que” (linha 28). É de se notar que, nessa mesma unidade intratópica, o verbo “acabar” ocorre duas vezes: a primeira como MD de fechamento de tópico e a segunda, como perífrase aspectual/temporal, em “ele acabou aceitando [o fim do relacionamento]”, que constitui a proposição sobre a qual o MD incide. Na mesma função do MD “então” (Guerra, 2007), *acabou que*

providencia o fechamento do TD. Por último, cabe observar que, além da marca de terceira pessoa, o tempo morfológico expresso nesse MD não instancia função diferente da de fechamento de tópico, uma vez que, dos dois casos dos nossos *corpora*, um manifesta tempo de presente e outro, tempo de pretérito, ambos ocorrendo em texto narrativo.

Considerações finais

Ao longo de nossas análises, procuramos argumentar que “acaba que”, “começa que” e “acontece que” são MD, porque, nessas construções, os predicados de base se esvaziam de seus significados mais concretos para atuar no arranjo textual, em abertura de tópico, em continuidade de tópico e em fechamento de tópico. A explicitação dessas funções, por meio das análises que empreendemos, constitui argumento favorável à comprovação de nossa hipótese de que as construções não são simples casos de subordinação, mas de MD com função predominantemente sequenciadora e secundariamente interacional; secundariamente, porque a orientação do interlocutor na compreensão do TD fica, de certa forma, em segundo plano.

As descrições divergentes em torno da função dessas construções, se como oração matriz de subordinada ou como MD com função sequenciadora, se devem à diferença do que se toma como unidade de análise: o contexto mais restrito de subordinação, como se vê em Gonçalves *et al.* (2016), Bastos *et al.* (2007), Silva-Surer (2014), dentre outros, ou o TD, como advoga a GTI e os autores alinhados a essa vertente da Linguística Textual (Gonçalves; Garcia, 2021; Penhavel, 2010, 2011, 2012, 2020; Jubran, 2015a, 2015b; Guerra, 2007, dentre outros). Somente essa segunda alternativa permite constatar que o alcance apropriado da função de certas construções só é apreendido no contexto mais amplo do texto, como esperamos ter ficado claro em nosso método e em nossas análises.

Na esteira do que propõem Garcia e Gonçalves (2021), que também defendem o papel de MD da construção “(eu só) sei que”, e das análises que empreendemos, é possível também propor uma trajetória de mudança para os MD “acaba que”, “começa que” e “acontece que”, com base no reconhecimento de que eles se originam em contextos de usos mais concretos, que se abstratizam semanticamente até se discursivizarem e passarem a atuar como MD de arranjo textual. Para a comprovação de uma tal hipótese, é necessária, no entanto, uma investigação diacrônica aprofundada. Embora reconheçamos as funções de MD aqui retratadas em bases puramente sincrônicas, somente pesquisas em textos de sincronias pretéritas permitirão uma compreensão mais ampla da formação desses MD, como advoga Bybee (2010).

Em síntese, por meio de nossas análises, esperamos ter argumentado de modo eficiente na comprovação das funções de MD das construções “acontece que”, “começa que” e “acaba que”, tarefa nada simples diante do método requerido para as análises textuais. Em meio a essa complexidade, admitir a função de oração matriz para essas construções

até pode ter lá sua validade, mas, quando elas se cristalizam na língua como construções invariáveis, as funções de MD, como as que aqui descrevemos, ficam encarecidas.

Referências

BASTOS, S. D. G. *et al.* The expressibility of modality in representational complement clauses in brazilian portuguese. *Alfa*, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 189-212, 2007.

BLAKEMORE, D. *Relevance and Linguistic Meaning: the Semantics and Pragmatics of Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

FISCHER, K. (org.). *Approaches to discourse particles*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin, 2006.

FRASER, B. Towards a theory of Discourse Markers. *In*: FISCHER, K. (org.). *Approaches to discourse particles*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin, 2006. p. 189-204.

GARCIA, A. G.; GONÇALVES, S. C. L. "(eu só) sei que" é um marcador discursivo: funções textual-interativas de construção com o verbo "saber". *Linguística*, Montevideu (Revista da Alfa), v. 37, n. 2, p. 139-158, 2021.

GONÇALVES, S. C. L. G. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. Revisadas. 2007. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br>. Acesso em: 10 set. 2022.

GONÇALVES, S. C. L.; SOUZA, G. C., CASSEB-GALVÃO, V. As construções subordinadas substantivas. *In*: NEVES, M. H. M. (org.). *Construções das orações complexas*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 69-121.

GUERRA, A. R. *Funções textual-interativas dos marcadores Discursivos*. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

JUBRAN, C. C. S. (org.). *Gramática do português falado culto no Brasil: a construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2015a.

JUBRAN, C. C. S. Tópico discursivo. In: JUBRAN, C. C. S. (org.). *Gramática do português falado culto no Brasil: a construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2015b. p. 85-126.

PENHAVEL, E. *Marcadores discursivos e articulação Tópica*. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2010. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270781>. Acesso em: 26 jun. 2024.

PENHAVEL, E. O funcionamento de marcadores discursivos no processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos. *Revista Línguas*, Campinas, n. 27/28, p. 63-84, 2011. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao27e28/edicao27e28.html>. Acesso em: 26 jun. 2024.

PENHAVEL, E. O que diferentes abordagens de marcadores discursivos têm em comum? *Revista (Con)textos linguísticos*, Vitória, v. 6, n. 7, p. 78-98, 2012.

PENHAVEL, E. O processo de organização intratópica em narrativas de experiência. *Revista Diálogo e Interação*, Cornélio Procopio, v. 14, n. 1, p. 119-145, 2020.

RISSO, M. S.; OLIVEIRA E SILVA, G. M.; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. C. S. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 403-425.

SCHIFFRIN, D. Discourse markers: language, meaning, and context. In: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. E. *The handbook of Discourse Analysis*. Malden/Oxford: Blackwell, 2001. p. 54-75.

SILVA-SURER, T. M. *Trajetórias de mudança dos predicados acabar, acontecer e começar sob perspectiva discursivo-funcional*. 2014. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2014.